

ALUNAS ORIENTAIS QUE VIVENCIARAM O INTERNATO NA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - BRASIL (1953-1970)

Bárbara Felix Fragazi da Silva¹, Genival Fernandes de Freitas²,
Janete Komessu Nakamura³

¹ Estudante do 5º semestre. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

² Professor Doutor da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

³ Professora da Escola de Enfermagem São José, da Santa Casa de Misericórdia da Cidade de São Paulo.



EASTERN STUDENTS FORMED WHO EXPERIENCED THE BOARDING SYSTEM AT THE SCHOOL OF NURSING OF THE UNIVERSITY OF SÃO PAULO - BRAZIL (1953-1970)

SUMMARY

Introduction: The Nursing School of University de São Paulo SP (EEUSP) was established in 1942 and for 17 years it offered the internship for their students. This study **aimed** to identify the socio-

demographic profile of eastern students formed who experienced the boarding system in the EEUSP, in that period of 1953 to 1970, and analyze the findings based on the literature on the history of nursing.

Material and method: the data was collected after obtaining the successful evaluation of the Ethics in Research of the EEUSP, being used an instrument to collect data, previously developed, to identify the socio-economic status of subjects of investigation. Thus, data were obtained through the documents of entry of the former students at the Service of the Graduate of EEUSP.

Results: The findings have enabled us to contextualize events and relevant social aspects of eastern culture, revealing the interface of these aspects with the professional choice and the story of these women.

Discussions: The pedagogical project, the theoretical and practical preparation, the fields of training and the facilities of this system of the boarding school system possible to say that the school attracted the interest of many candidates for the nursing program at the time. This study helped to rescue the history of EEUSP, from the look of the documents that portrayed a little history of these former students, highlighting the effort of this institution for training nurses to work in different scenarios of professional practice.

Key words: History of nursing, Women, History.

ALUMNAS ORIENTALES QUE PASARON POR EL SISTEMA DE INTERNADO EN LA ESCUELA DE ENFERMERÍA DE LA UNIVERSIDAD DE SÃO PAULO - BRASIL (1953-1970)

RESUMEN

Introducción: La Escuela de Enfermería de la Universidad de São Paulo (EEUSP) se creó en 1942 y durante 17 años ofreció para sus estudiantes el sistema de internado. Este estudio tuvo como **objetivos** identificar el perfil socio-demográfico de alumnas orientales que estuvieran en esa Escuela, como internas, en el período 1953-1970, y analizar las hallazgos basados en la literatura sobre la historia de la enfermería.

Material y método: Los datos fueron recogidos después del informe favorable del Comité de Investigación de la EEUSP, a través de un instrumento de recolección de datos, previamente preparado, para identificar el perfil socio-económico de los sujetos de investigación. Los datos fueron recogidos a través de los documentos de ingreso de las alumnas EEUSP, junto la Sección de Estudiantes de Grado de la misma institución.

Resultados: Los resultados nos han permitido contextualizar los acontecimientos y aspectos sociales relevantes de la cultura oriental, revelando la articulación de estos aspectos con la elección profesional y la historia de estas mujeres.

Discusiones: El proyecto pedagógico, la preparación teórica y práctica, los campos de prácticas y las facilidades ofrecidas por el sistema de internado posibilitan decir que la escuela atrajo el interés de muchas candidatas para el programa de enfermería en el momento. Este estudio ayudó a rescatar la historia de la EEUSP, desde la mirada de los documentos que retratan un poco la historia de estos antiguos alumnos, destacando el esfuerzo de esta institución para la formación de enfermeros para trabajar en diferentes escenarios de la práctica profesional.

Palabras clave: Historia de la Enfermería, Mujeres, Historia.

RESUMO

Introdução: A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP) foi criada em 1942 e durante 17 anos ofereceu o internato para suas alunas. Este estudo teve como **objetivos** identificar o perfil sócio-demográfico de alunas que vivenciaram o internato na EEUSP, no período de 1953-1970, e analisar os achados com base na literatura sobre a história da enfermagem.

Material e método: a coleta de dados ocorreu após a obtenção do parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da EEUSP, sendo utilizado um instrumento de coleta, previamente elaborado, para identificar o perfil sócio-econômico dos sujeitos da investigação. Assim, as informações foram obtidas por intermédio das fichas de ingresso das ex-alunas junto ao Serviço de Graduação da referida Escola.

Resultados: Os achados possibilitaram-nos contextualizar fatos e aspectos sociais relevantes da cultura oriental, desvelando a interface desses aspectos com a escolha profissional e a história dessas mulheres.

Discussões: O projeto pedagógico, a preparação teórico-prática, os campos de estágio e as facilidades do sistema de internato possibilitam afirmar que a Escola atraía o interesse de muitas candidatas ao curso de enfermagem na época. Este estudo contribuiu para resgatar a história da EEUSP, a partir do olhar sobre os documentos que retrataram um pouco a história dessas ex-alunas, destacando-se o esforço dessa instituição para a formação de enfermeiras para atuarem em diferentes cenários da prática profissional.

Descritores: História da enfermagem, Mulheres, História.

INTRODUÇÃO, JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS DO ESTUDO

No Brasil, assim como em muitos países latino-americanos, os longos anos em que a escravidão vigorou remeteram a problemas de educação e saúde, uma vez que não era de interesse monárquico desenvolver essas áreas. Os primeiros hospitais

criados foram as Santas Casas e no século XIX estabeleceram-se aqui as primeiras Escolas de Medicina, já que eram raros os brasileiros que tinham condições de estudar tal prática na Europa.

Historicamente, sabe-se, quanto à criação de escolas oficiais na área de Saúde no Brasil, que os cursos foram instalados pelo idealismo de grupos que visavam o desenvolvimento desse setor. Já no início do século XX, a necessidade da existência de profissionais capazes de prestar assistência à saúde da comunidade em geral, que coordenassem consultas e demais controles era vigente. Especificamente em São Paulo, a sociedade necessitava de enfermeiras de saúde pública, mas o governo do Estado alegava não ter condições para criar instituições de ensino que formassem tais profissionais.

O pioneirismo, no Estado de São Paulo, ficou por conta do Hospital Samaritano, berço da enfermagem profissional. Em 1896 foi o primeiro a adotar o sistema Nightingaleano, acolhendo alunas que sabiam falar inglês para morarem no hospital, ingressando como praticantes na instituição, ficando sob supervisão da Matron, uma espécie de gerente de enfermagem.

Nomes como Oswaldo Cruz e Carlos Chagas são essenciais para entender a implementação da Enfermagem no país. Chagas liderou a Reforma Sanitária e iniciou projetos que visavam acordos bilaterais entre Brasil e Estados Unidos, especificamente com a Fundação Rockefeller junto ao Departamento Nacional de Saúde Pública. Surgiu, por meio de um desses acordos, em 1923, o primeiro curso de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública: 14 alunas sob regime de internato estudavam na Escola Ana Néri, próxima ao Hospital São Francisco de Assis, no Rio de Janeiro.

Desde a construção da Faculdade de Medicina da USP, foi criado um vínculo do governo de São Paulo com a Fundação Rockefeller. Um dos acordos feitos entre as instituições preconizava a posterior construção da Faculdade de Enfermagem, segundo os moldes da Escola Ana Néri do Rio de Janeiro, fato que foi “esquecido” pelo Governo. Somente com a vinda ao Brasil de Mary Elizabeth Tennant, chefe da Seção de Enfermagem da Fundação Rockefeller, este acordo foi “relembrado”

e em 1942, durante o Estado Novo, foi assinado o decreto 13.040/42 que criava a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. As atividades foram iniciadas em 02 de janeiro de 1943, utilizando o regime de internato, sob a direção de Edith de Magalhães Fraenkel, que ocupava na ocasião o cargo de Chefe do Serviço de Enfermagem do Hospital das Clínicas. Dentre os pontos fundamentais discutidos pela administração da Fundação e por Miss Tennant, estavam os princípios que orientavam o funcionamento da nova entidade: colaboração monetária da Fundação, doando livros e equipando laboratórios, organização, orçamento, finanças, administração em geral e residências adequadas para as estudantes (Carvalho, 1980).

A profissionalização oferecida pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, ou somente Escola de São Paulo, como era chamada, refletia modernidade quanto ao ensino aplicado, pois oferecia além de formação teórica, campos de estágio que qualificavam “a nova profissional”.

O edifício da Escola foi construído durante a II Guerra Mundial e é considerado um dos primeiros conjuntos arquitetônicos modernistas de São Paulo. O projeto inicial contava com oito andares, previa uma ala residencial que incluiria refeitório e lavanderia, e outra de ensino que comportaria salas, laboratórios e biblioteca. Estava sendo instituído o regime de internato na EEUSP, obrigatório para todas as alunas, mesmo as que residiam em São Paulo, já que a manutenção de pelo menos dois terços das alunas em residências na instituição era uma questão legal. A arquitetura moderna do Hospital das Clínicas (HC) contrastava com a Faculdade de Medicina, cuja arquitetura neoclássica imprimia outras representações, voltadas para a tradição e nobreza do ofício. A modernidade do prédio e a qualificação dos serviços de saúde que a fundação da Escola de São Paulo suplantaria refletia os avanços no âmbito do exercício profissional. Entre 1942 e 1947 o novo e maior hospital da América Latina abrigou as primeiras alunas, as residências estavam localizadas nos 6º e 10º andares e somente quando o prédio da EEUSP ficou efetivamente pronto, elas foram transferidas.

Os acordos entre a Fundação Rockefeller e o governo preconizavam a excelência da Escola,

tendo em vista a possibilidade de ingresso de estudantes de toda a parte do país, proporcionando, assim, uma possibilidade concreta para essas mulheres estudarem, pois poderiam se alojar na própria instituição. Serviria como uma motivação para formar enfermeiras profissionais para atuarem não somente no Brasil, mas em todo mundo. O prédio deveria prover de facilidades para educação, residência, administração e atividades sociais e recreativas e suas instalações visavam, sempre, o bem estar das alunas.

Do cenário da EEUSP emergiram mulheres que muito acrescentaram à enfermagem brasileira. O elevado número de descendentes de orientais apresentou-se como fato de primordial interesse do estudo, que pretendeu analisar o porquê deste fato, bem como a presença de muitas dessas mulheres no exercício de cargos de extrema importância dentro ou fora da Escola.

O levantamento feito junto ao Serviço de Graduação da EEUSP destacou o número de 132 alunas de origem oriental formadas na EEUSP, no período estudado de 1953 a 1970. Assim, os dados coletados junto àquele Serviço comprovou que, em 1953: haviam 39 alunas, sendo 2 alunas orientais; em 1962: haviam 14 alunas, sendo 5 orientais; em 1966: haviam 25 alunas, sendo 11 orientais e em 1970, haviam 30 alunas, sendo 15 orientais. Esses achados revelaram, também, a crescente presença de alunas descendentes de orientais a partir de 1953 (as primeiras alunas orientais foram formadas neste ano). Pode-se destacar o ano de 1970 quando elas representavam metade das estudantes.

O estudo das histórias dessas mulheres pretendeu recuperar a memória de uma época, contribuindo para o olhar de quem vivenciou o período,



quem o sucedeu e quem está por chegar. É, ainda, uma forma de propiciar o auto-conhecimento de muitos enfermeiros, principalmente os que estudam ou estudaram na Escola, evidenciando sua identidade enquanto discentes. Não se constitui apenas em uma ação voltada para a preservação da memória da EEUSP, mas também, uma forma de contribuir para um melhor entendimento de um período importante da história da enfermagem no Brasil.

MATERIAL E MÉTODO

A abordagem quantitativa possibilitou a mensuração de dados complementares sobre os sujeitos para posterior avaliação e inter-relação com os discursos. Segundo Burke (1989), o estudo da história quantitativa foi sentido primeiramente no campo econômico e espalhou-se para a história social, em especial para a história populacional. Assim, essa tendência da utilização da metodologia quantitativa nos estudos históricos, invocando temas econômicos, invadiu a história cultural, da religião e das mentalidades.

Para levantamento e análise dos dados quantitativos acerca das alunas orientais que se formaram na EEUSP, foram utilizadas as fichas de inscrição de estudantes de enfermagem no período estudado, as quais se encontram disponíveis no setor de Graduação da referida Escola.

A coleta ocorreu a partir do mês de agosto de 2009 e no procedimento de análise dos dados foram utilizados os recursos de computação por meio do processamento no sistema Microsoft R Excel. Posteriormente, foram construídos os gráficos representativos dos achados e o tratamento dos mesmos realizou-se por meio da estatística descritiva simples, sem inferências ou análises mais complexas. Os conteúdos dos gráficos foram selecionados de maneira que possibilitassem a consonância com a temática do presente estudo.

Os nomes das ex-alunas descendentes de orientais foram levantados a partir das listas das turmas de acordo com o ano de conclusão do curso, as quais se encontram, em sua maioria, disponíveis no setor de Graduação da EEUSP. Porém, algumas fichas não foram localizadas, devido a extravios ou por razões desconhecidas. Sendo assim, do total de 132 estudantes orientais identificadas, no mencio-

nado período, foram consultadas 122 fichas e os resultados estão a seguir expostos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados nos possibilitaram conhecer o perfil sócio-demográfico da população estudada.

É possível observar as mais variadas cidades em que as futuras enfermeiras nasceram. Cabe ressaltar que três delas nasceram fora do Brasil, na China (Indochina) e no Japão (Fukuoka e Wakayama-ken).

Outras alunas nasceram em comunidades rurais, destinadas ao cultivo agrícola, como a fazenda Primeira Aliança e em Mirandópolis, mas a grande maioria era de São Paulo (32 delas, 26,2%).

A média de idade das ingressantes orientais na EEUSP era de 19 anos. A aluna mais nova entrou na EE aos 19 anos e a mais velha, aos 30. Comumente, esta é a média etária de ingresso no curso de enfermagem nesta Escola.

Na época estudada, a sociedade ainda mantinha certos idealismos em relação à mulher. A enfermagem era uma das únicas profissões que tinha a presença feminina bem vista e aceita, pois ainda estava vinculada àquela imagem de sacrifício, de devoção ou caridade. Era bastante comum que as mulheres jovens e recém casadas se ocupassem de atividades no âmbito do lar, deixando muitas vezes as ocupações acadêmicas ou laborais para um segundo plano.

Quanto ao estado civil, o gráfico mostrou que 120 (98,3%) das alunas orientais eram solteiras e apenas uma aluna não respondeu a tal indagação. O fato de viver no internato da EEUSP, talvez pudesse ser um elemento importante neste item, considerando que as solteiras teriam mais disponibilidade de participar deste regime.

A maioria das famílias das colaboradoras vieram do Japão em busca de melhores condições de vida e atraídas por uma publicidade, muitas vezes, enganosa, tendo que trabalhar principalmente em lavouras de café no interior do país.

Vários pais daquelas alunas trabalhavam na lavoura (23 homens, 18,8%), ou tinham alguma ocupação ligada à atividade agrícola (como agricultor, avicultor, hortaliçeiro e engenheiro agrônomo).



A grande maioria dos patriarcas, aproximadamente 31% (38 homens) estava envolvida em atividades comerciais, trabalhavam como empregados ou tinham seu próprio negócio nas mais variadas áreas de consumo (mercados, mercearias, hortaliças e frutas, roupa, dentre outros).

Tal fato mostra a transição dos primeiros imigrantes orientais que trabalhavam na lavoura, como trabalhador assalariado, para a condição de pequenos proprietários autônomos, que adentrariam na nova classe média de profissionais liberais (Handa, 1987).

Apenas 1,6% (2) destes homens eram analfabetos, conforme ilustra a figura acima. Os que eram falecidos, não tiveram seu grau de instrução definido pelas filhas (aproximadamente 4%) e 9% (11) não responderam à indagação.

Os demais tinham alguma instrução, seja concluída no Brasil ou no Japão. Destes, a maioria tinha ensino secundário.

Em relação às mães, poucas eram as mulheres que tinham uma ocupação que exigisse um nível de instrução elevado. A maioria (104 mulheres, 85,2%) trabalhava cuidando da casa e dos filhos enquanto o marido trabalhava fora.

Comparando com o grau de instrução dos maridos, o dobro das mulheres era de analfabetas (4,3,2%). A maioria estudou até o primário (66 mulheres, 54%) e 4 (3,2%) não tiveram o grau de escolaridade declarado.

Segundo dados do IBGE do ano de 2000, 28,9% dos integrantes da raça amarela, onde se insere o Nikkei concluíram o ensino superior, contra os 10% dos brancos, 2,4% dos pardos, 2,2% dos

índios e 2,1% dos negros. O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano baseado em quatro fatores: variação do PIB per capita, alfabetização de adultos, matrículas escolares e expectativa de vida) dos Nikkeis é o maior entre as etnias citadas anteriormente. Tais dados demonstram que o nível de escolaridade na população oriental estudada era relativamente alto, já que raros eram os casos de progenitores analfabetos, possivelmente devido à cultura oriental, que preconizava e incentivava o estudo.

Aproximadamente, 72% (88 meninas) moravam com os pais antes de ingressar na Escola ou viviam com parentes (7,3%, 9 meninas), principalmente tios e tias, ou em pensões (9%, 11 meninas), pois, provavelmente, seus genitores moravam fora de São Paulo e elas já tinham alguma intenção de se instalar na capital para estudar.

Em relação à manutenção dos estudos durante a graduação em enfermagem, o gráfico acima mostrou que mesmo com todas as facilidades que o regime de internato proporcionava às internas (tipo alimentação, lavanderia), era necessária uma fonte de renda para se manterem.

Considerando-se a natureza jurídica de instituição pública de ensino superior, a Universidade de São Paulo, e particularmente, na Escola de Enfermagem não havia a obrigatoriedade de pagamento de mensalidades pelos estudos. Percebe-se, outrossim, que a maioria das entrevistadas revelou dependência econômica em relação aos pais ou parentes próximos (como irmãos) ou outros (como bolsas de estudos).

A maioria contava com o auxílio dos pais (72 alunas, 59%); duas estudantes tinham bolsas de estudos doadas pela prefeitura de suas cidades de origem; 23 delas (18,8%) não responderam e 9 (7,3%) declararam não ter nenhuma fonte de renda que possa auxiliá-las neste período.

Nas primeiras fichas coletadas, encontrava-se a pergunta sobre o número de irmãos da candidata ao curso de enfermagem. Após uma reestruturação da ficha, tal questão foi retirada. Contudo, este dado tem relevância para o estudo, pois pode caracterizar o perfil das famílias das estudantes, podendo até funcionar como indício de situação socioeconômica, tipo controle de natalidade e planejamento familiar, grau de instrução etc.

Nestas famílias, as alunas que tinham irmãos apresentavam uma média de 4,3 (no mínimo 1, no máximo 8).

A partir de 1958, a EEUSP preconizava que as alunas ingressantes tivessem o nível secundário completo, o que já era uma exigência do Decreto nº 20.109, de 1931. Antes disso, bastava o curso primário. Contudo, nenhuma das alunas estudou somente até o primário; todas informaram que haviam concluído o secundário, porém 85,5% se formaram somente neste nível de ensino.

Muitas terminaram o secundário junto a outros cursos, como de secretaria executiva, contabilidade, costura, datilografia e língua japonesa. Três alunas referiram ter o ensino técnico, mas não especificaram em qual área.

Grande parte das alunas não tinha experiência de trabalho até o momento de ingresso no curso de enfermagem (110, 90%); 11 pessoas informaram, entretanto, que já tinham alguma experiência laboral (9%) e somente uma não respondeu a tal indagação.

Das 11 alunas que informaram que já possuíam experiência laboral, nove trabalharam nas mais diversas ocupações, ressaltando-se duas que foram auxiliares de escritório e três que trabalharam em cooperativas agrícolas.

Somente duas das ingressas afirmaram que já tinham trabalhado na área da saúde, nos seguintes locais: Hospital das Clínicas, Hospital Antônio Lenário e Hospital São José do Brás/Hospital e Maternidade São Luiz.

A última questão da ficha de inscrição perguntava sobre o que as motivou à escolha da enfermagem como profissão e pela EEUSP. Foram obtidas as mais variadas respostas: a maioria afirmou que optou pela enfermagem por ser a melhor escola na área (23,7%) e por vocação (21,3%). Há quem considera, também, a facilidade do internato como um fator importante na decisão de estudar na EEUSP. Aproximadamente, 19,6% não responderam.

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos históricos podem corroborar para a compreensão da trajetória profissional, além da memória e da identidade da profissão da enfermagem, bem como as representações e significados

que têm sido, socialmente, atribuídos ao enfermeiro e ao que ele faz. Assim, a história da enfermagem permite-nos desvelar transformações da profissão e compreender movimentos da construção / desconstrução e reconstrução do passado, na perspectiva do resgate e da preservação da memória coletiva.

Os resultados dessa investigação contribuíram para o resgate da memória da história da EEUSP, identificando o perfil sócio-demográfico dessas mulheres na instituição. Os achados possibilitaram-nos, ainda, contextualizar fatos e aspectos culturais relevantes da cultura oriental, desvelando a interface desses aspectos com a escolha profissional e parte da história dessas mulheres.

Com isso, novas fontes documentais relativas à história da enfermagem têm sido produzidas e o estudo contribuiu para resgatar a história da EEUSP, a partir do olhar dessas ex-alunas, destacando-se o esforço dessa instituição para a formação de enfermeiras para atuarem em diferentes cenários da prática profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barreira IA. (1997). Os primórdios da enfermagem moderna no Brasil. Rio de Janeiro: Revista de Enfermagem, Escola de Enfermagem Anna Nery.
- Barros JD (2004). O campo da história: especialidades e abordagens. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

- Burke P. (1989). A. Escola dos Annales. 1929 - 1989. A revolução francesa historiografia, São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP).
- Caldeira JCF, Marcondes C, Paula SG. (1997). Viagem pela história do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.
- Carvalho AC. (1980). Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo: Resumo histórico - 1942-1980. São Paulo: EEUSP.
- Carvalho AC. (1992). Edith de Magalhães Frankel. São Paulo: EEUSP.
- Fausto B. (2000). História do Brasil. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Fontenelle JP. (1941). A enfermagem de saúde pública: sua criação e desenvolvimento no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Canton & Reile Gráf.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2000). Censo Demográfico - Características Gerais da População: Resultados da Amostra. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Ministério da Saúde -Brasil. (1974). Enfermagem: Legislação e Assuntos Correlatos. Rio de Janeiro (RJ).
- Oguisio T. (2005). Trajetória histórica e legal da Enfermagem. São Paulo: Manole.
- Paixão W. (1969). História da Enfermagem. Rio de Janeiro: Bruno Buccini.
- Sauthier J. (1999). A Missão Parsons: documentos históricos da EEAN / UFRJ - 1922 a 1931. Rio de Janeiro: Anna Nery/UFRJ.
- Sauthier J. (1996). A missão de enfermeiras norte-americanas na capital da Republica (1921 - 1931) - Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. TESE (doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Siles J. (1999). Historia de la enfermería. Alicante (España): Agua Clara.

GRÁFICOS

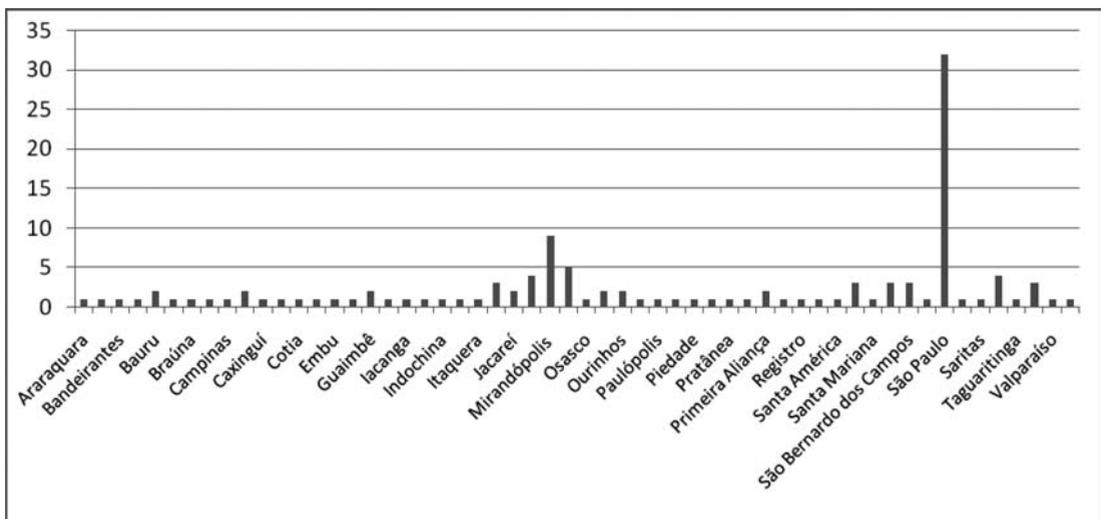


Figura 1: Cidade onde as alunas orientais nasceram, São Paulo, 2009.

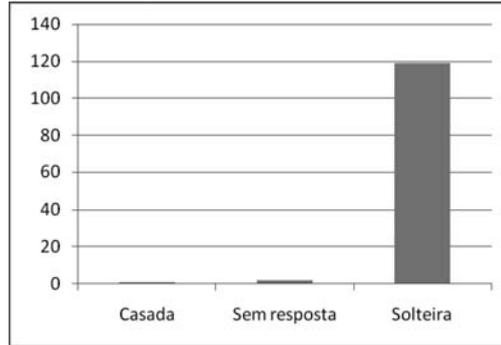


Figura 2 - Estado civil das alunas no ano de ingresso na EEUSP, São Paulo, 2009.

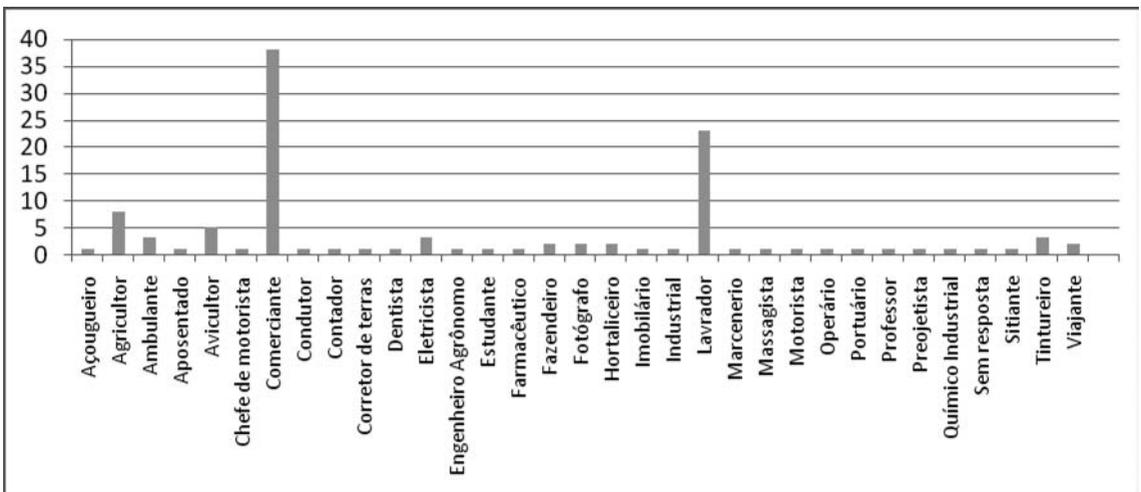


Figura 3 - Profissão dos pais das alunas, São Paulo, 2009.

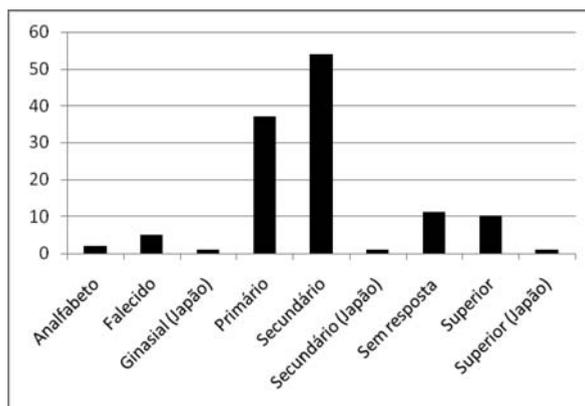


Figura 4 - Grau de escolaridade dos pais das alunas, São Paulo, 2009.

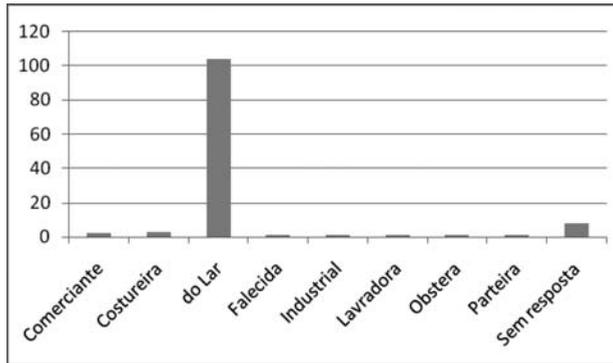


Figura 5- Profissão das mães das alunas, São Paulo, 2009.

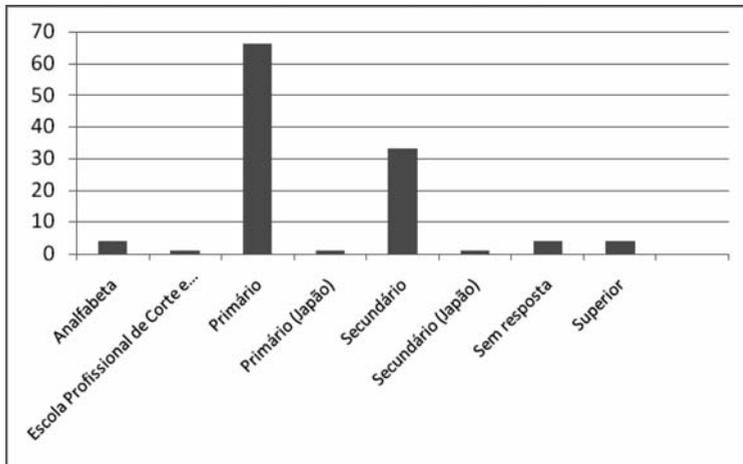


Figura 6 - Grau escolaridade das mães das alunas, São Paulo, 2009.

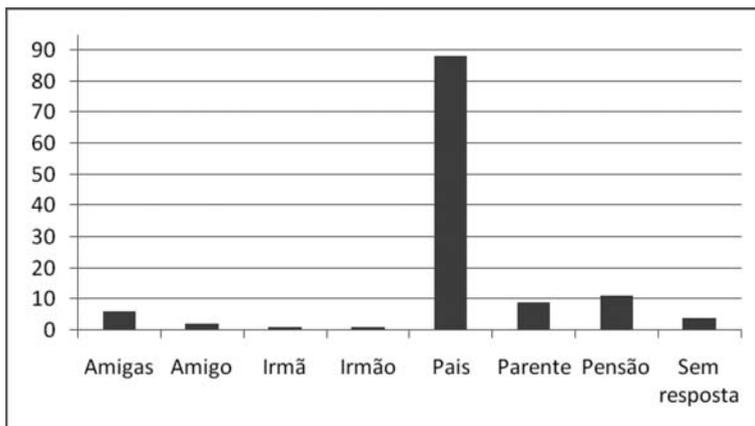


Figura 7 - Com quem as alunas moravam antes de ingressar na EEUSP, São Paulo, 2009.

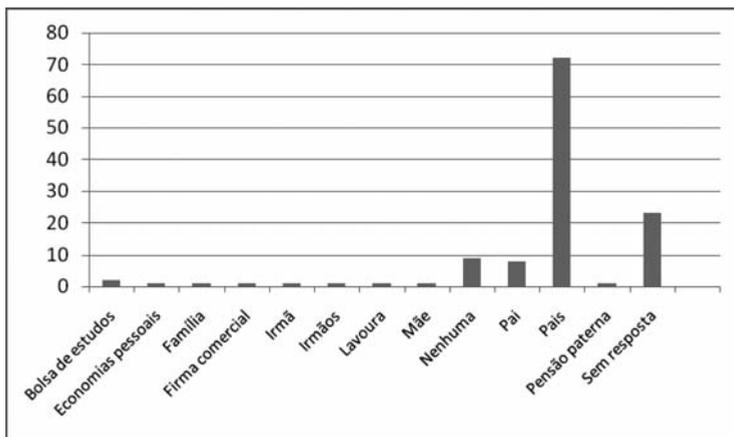


Figura 5- Profissão das mães das alunas, São Paulo, 2009.

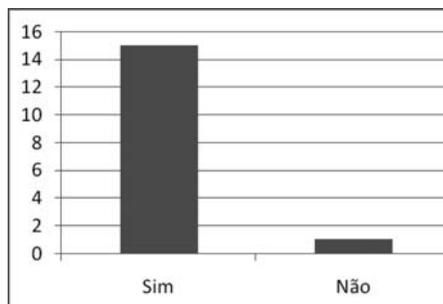


Figura 6 - Grau escolaridade das mães das alunas, São Paulo, 2009.

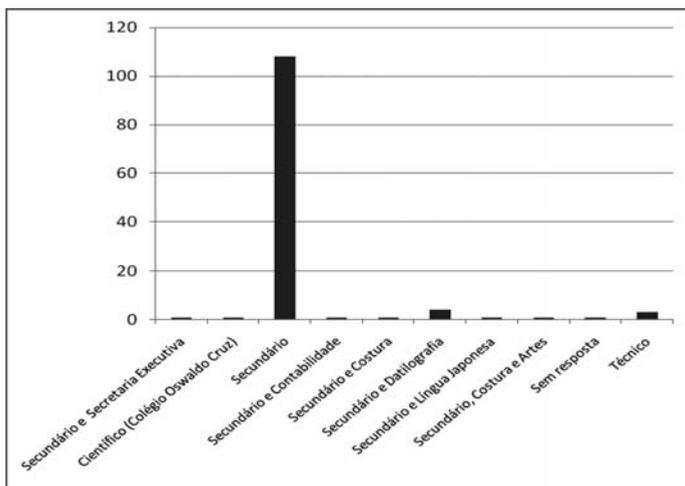


Figura 7 - Com quem as alunas moravam antes de ingressar na EEUSP, São Paulo, 2009.